



Violência urbana: uma leitura dos meios de comunicação¹

Laura Moreira SLIVA²

Rosita C. de Loyola HUMMELL³

Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, PR

RESUMO

O objetivo geral desse artigo é avaliar a forma pela qual a mídia local retrata a capital paranaense, recentemente premiada como modelo internacional de sustentabilidade, sintetizando a violência que atinge os grandes centros urbanos. Mais especificamente, visa-se mostrar através de análise de conteúdo a comparação entre a mídia impressa e a online e assim chegar a resultados mais expressivos sobre a atual Curitiba.

PALAVRAS-CHAVE: violência, medo urbano, jornal impresso, jornal online, hipermídia, novas tecnologias, Curitiba.

Considerações iniciais:

Qual é a imagem que os meios de comunicação, especificamente o jornal impresso e online, passam de Curitiba? Como é sua leitura da violência urbana? O objetivo geral desse artigo é avaliar a forma pela qual a mídia local retrata a capital paranaense, sintetizando a violência que atinge os grandes centros urbanos. Mais especificamente, visa-se mostrar através de análise de conteúdo a comparação entre a mídia impressa e a online e assim chegar a resultados mais expressivos sobre a atual Curitiba.

“Pode-se argumentar que uma cidade, por melhor que seja, nunca será um paraíso. Mas é assim que os milhares de novos visitantes de Curitiba costumam se referir a ela. Capital ecológica, cidade-modelo e cidade-laboratório são algumas das expressões empregadas para definir a metrópole brasileira que mais prêmios e elogios recebeu no exterior. É cidade habituada a converter pedreiras em óperas, paióis de munição em teatros, ruas em shopping centers.

Com 1,4 milhão de habitantes, quase a mesma população de Porto Alegre e do Recife, a capital paranaense está longe de ter a riqueza de São Paulo, a exuberância do Rio de Janeiro ou a variedade cultural de Salvador. Na paisagem e no estilo de vida, Curitiba tornou-se uma das mais européias das capitais brasileiras. (...) O que a torna diferente entre as grandes capitais é outra peculiaridade: em Curitiba as coisas funcionam. Os curitibanos podem deixar o carro em casa para ir trabalhar, já que há ônibus rápidos e eficientes que os levam a qualquer lugar. As ruas são limpas, verdes, a coleta de lixo funciona, não há congestionamento de trânsito, nem poluição, os funcionários públicos são educados e nos fins de semana pode-se frequentar parques, teatros e cinemas sem medo de ser assaltado.” (Veja, 1993)

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Caxias do Sul, RS – 2 a 6 de setembro de 2010

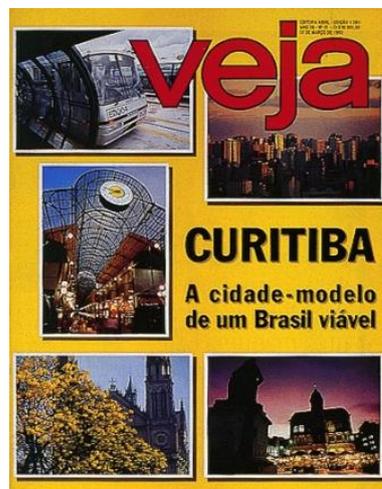
² Graduada do Curso de Jornalismo da PUCPR e participante do núcleo imagem e movimento, email: eu_sliva@msn.com

³ Orientadora do trabalho e do núcleo de estudos da PUCPR, e-mail: rosita.loyola@pucpr.br

Essa é a visão que a reportagem da revista *Veja*, de março de 1993, passou a seus leitores sobre Curitiba, um *paraíso de classe média*, como é classificada na matéria. O texto também cita autoridades como Arthur Eggleton (ex-prefeito de Toronto), Michael Cohen (chefe do departamento de desenvolvimento urbano do Banco Mundial), revista *Time* e o jornal *The New York Street Journal*, elogiando Curitiba como modelo até mesmo para cidades de Primeiro Mundo.

“O futuro da humanidade nos próximos anos será decidido em cidades como *Kinshasa* e Curitiba” exagera a reportagem de *Veja*. A revista também aponta pesquisa feita com 300 moradores de São Paulo, Rio de Janeiro e Bauru, na qual 91% dos entrevistados tenham dito que já ouviram falar bem da cidade e 70% acreditavam que lá as condições de vida seriam melhores. A fama de Curitiba no resto do país era tão boa que algumas empresas paranaenses, como o Bamerindus e o Boticário, procuravam associar sua imagem à cidade para melhor vender seus produtos.

Figura 01: Capa da revista *Veja* de 31 de março 1993



Fonte: http://veja.abril.com.br/arquivo_veja/capa_31031993.shtml

A microrregião de Curitiba, que abrange apenas a capital e região metropolitana, possui a maior densidade demográfica do estado, com 366,7 habitantes por km². A taxa anual de crescimento na região foi de 3,13% no período de 1991 a 2000⁴.

A concentração de atividades e população nesta microrregião se intensificou a partir da década de 1970. Em meio ao crescente êxodo que atingiu o meio rural do Paraná pela modernização da agricultura, uma parcela da população convergiu para Curitiba e região metropolitana. Esse fluxo de pessoas era atraído, em parte, pela busca de emprego e melhoria de vida no Centro Industrial de Araucária e na Cidade Industrial de Curitiba. Porém o crescimento urbano na área metropolitana e na capital não diminuiu durante as décadas seguintes. Em 2000, o aglomerado de pessoas totalizou mais de 1/3 da população urbana do Paraná.

Em 5 de abril de 2010, Curitiba ganhou o prêmio *Globe Award Sustainable City*, que elege a cada ano a cidade mais sustentável do mundo. O objetivo do prêmio é destacar cidades com excelência em desenvolvimento urbano sustentável e torná-las exemplos positivos para outras cidades. Este é o segundo prêmio mundial vencido pela capital neste ano. Em janeiro, a cidade ganhou o *Sustainable Transport Award*, em Washington, pela implantação da Linha Verde. Mas até que ponto a cidade modelo pode ser realmente considerada um exemplo?

⁴ Banco de dados. **Inventário cultural: Mesorregião Metropolitana de Curitiba**. SESC [internet]. 2010 [acesso em 10 de abril 2010] Disponível em: <http://www.sescpr.com.br/inventario/regioes.php>



A violência urbana

De acordo com Yves Michaud⁵ há violência quando, em uma situação de interação, um ou mais atores agem de maneira direta ou indireta causando danos a uma ou mais pessoas em graus variáveis, seja em sua integridade física ou moral, em suas posses ou em suas participações simbólicas ou culturais. É preciso resaltar que a violência é um fenômeno plural, pois o que é considerado violência varia de acordo com a natureza da sociedade considerada e de seu contexto.

Violência urbana designa principalmente o fenômeno social de comportamento transgressor e agressivo, ocorrido em função do convívio urbano. Diferencia-se de outros tipos de violência e se desencadeia principalmente em consequência das condições de vida e da interação urbana. Segundo estudo publicado na *Revista de Neurologia*⁶, o fenômeno comportamental violento também pode ser biológico, uma vez que foi descoberto que empatia e violência, ou seja, os dois sentimentos opostos, passam pelos mesmos circuitos no cérebro. Porém uma tendência comportamental violenta pode ser agravada, dependendo do ambiente no qual o indivíduo convive. Uma das manifestações mais evidentes do comportamento violento é o alto índice de criminalidade e a mais constante é a infração dos códigos básicos de conduta civilizada⁷.

A violência urbana tornou-se algo crônico no cotidiano das pessoas. Não é de hoje que a população brasileira se esconde com medo da violência e dos crimes urbanos. O tráfico de drogas, os seqüestros e a marginalidade estão presentes na história do Brasil há muito tempo. A primeira reportagem de capa da revista VEJA sobre o tema, por exemplo, foi publicada em 1969. O texto destacava a distância crescente entre o tamanho e a frequência das ações criminosas e os recursos e o preparo das autoridades para combatê-las. A polícia era atrasada e os bandidos eram cada vez mais organizados, audazes e violentos. A reportagem cita São Paulo e Rio de Janeiro, porém Curitiba ainda não era considerada uma cidade de risco.

Atualmente o panorama mudou. Curitiba ocupa o sétimo lugar entre as capitais no ranking de criminalidade⁸. De acordo com uma pesquisa encomendada pelo Ministério da Justiça no início de 2000, cerca de 50% dos moradores das capitais evitavam sair à noite com medo da violência. Na época a classe média estava em pânico e debatia se valeria a pena andar com arma, além de pagar segurança particular e adotar outras medidas de prevenção. Neste aspecto, a situação não se alterou.

Dentro da violência urbana, há uma relação imediata entre urbanização baixa e criminalidade alta, conclui reportagem de 11 de abril de 2010 da Gazeta do Povo sobre Curitiba. Das 20 ruas violentas mapeadas pela reportagem, 19 contam com iluminação. Porém, apresentam problemas de infra-estrutura, baixa influência das redes sociais (escolas, igrejas e associações de bairro), ausência de policiamento e de políticas de habitação.

A reportagem cita a tese de que o crime não muda de endereço, defendida pelo pesquisador David Weisburd, ganhador do Prêmio Estocolmo 2010 de criminologia. Ele comprovou que quase 50% dos crimes ocorrem em apenas 4% da malha urbana. A matéria cita dados levantados pelo órgão municipal de Curitiba em 2010, que apontam que, onde há violência, também há evasão escolar, desemprego e informalidade.

⁵ MICHAUD, Y. **A violência**. 2. ed, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.

⁶ **Revista de Neurologia**. [internet] 2010 [acesso em 23 jan. 2010] Disponível em: <http://www.galenicom.com/pt/journal/0210-0010/Revista+De+Neurologia>

⁷ CALIL, S. E. Léa. **Violência Urbana e Outras Violências**. Mundos Filosóficos [internet]. 2009 Jul [acesso em 30 nov. 2009]. Disponível em: <http://www.mundodosfilosofos.com.br/lea3.htm>

⁸ FERNANDES, J.C, PERES, A. **Ruas da amargura**. Gazeta do Povo [jornal impresso] 11 de Abril [acesso 11 de abril]



O medo urbano

"Nenhuma necessidade humana é mais básica do que a segurança pessoal. Nenhuma liberdade é mais instintiva que a liberdade do medo. Se não estamos seguros em nossas casas e nas nossas ruas, se estamos ameaçados - ou por um agente de um Estado policial ou por um único criminoso – então não somos livres", afirmou à Imprensa o político estadunidense Edward Kennedy, em 1969.

Vera Malaguti⁹ pesquisadora da Universidade Cândido Mendes e secretária geral do Instituto Carioca de Criminologia, fez um estudo histórico sobre as raízes do medo na sociedade urbana brasileira. A hipótese central do trabalho de Malaguti é de que a hegemonia conservadora na formação social brasileira trabalha a difusão do medo como mecanismo indutor e justificador de políticas autoritárias de controle social.

Para entender a violência, Zygmunt Bauman¹⁰ um dos sociólogos mais respeitados da atualidade, teoriza sobre o novo papel do medo urbano na Pós-Modernidade – ou na *Sociedade Líquida*, como defende o teórico.

Segundo Bauman, em uma sociedade *sólida*, as instituições são estáveis e o indivíduo pode se apoiar nelas. Em uma sociedade *líquida*, os laços sociais são fluidos, incertos, as posições sociais são inseguras e a perda de referências estaria gerando medos difusos, confusos, flutuantes, principalmente pela dificuldade de estabelecimento de estratégias em longo prazo. Em seu livro *Medo Líquido*, o sociólogo define o medo como o sentimento de incerteza, uma ignorância da ameaça e do que se pode ser feito para cessá-la ou enfrentá-la, se ela estiver além do alcance do indivíduo.

Em entrevista ao Estadão¹¹, Bauman afirma que, após a globalização, estamos mais vulneráveis aos perigos das grandes cidades:

Áreas urbanas são locais onde inseguranças sociais são confrontadas de forma tangível. Num processo de distorção de seu papel histórico, nossas cidades não são mais abrigos contra os perigos, mas se tornaram o perigo em si. Amigos, inimigos e os misteriosos estranhos que não são nem um nem outro misturam-se e se esbarram nas ruas. A guerra contra a insegurança, os perigos e os riscos é travada dentro das cidades e, nesses campos de batalha urbanos, são feitas trincheiras e linhas de frente, pesadamente armadas.
(Jan. 2008)

Análise quantitativa e qualitativa

Notícias sobre violência urbana foram coletadas no site e no jornal impresso da Gazeta do Povo, com maior frequência no caderno *Vida e Cidadania*. O jornal Gazeta do Povo foi escolhido por ser considerado o maior jornal do Paraná e servir como modelo para outros veículos. Foram selecionadas reportagens relacionadas à violência em dois períodos: de outubro de 2009 a novembro do mesmo ano e de 01 a 11 de junho de 2010. O método era variar os dias: uma semana pesquisaria segunda, quarta e sexta-feira e outra terça, quinta e sábado, uma tentativa de ampliar o número de assuntos. O expediente foi estabelecido como três vezes ao dia, pois o site é atualizado seis vezes. O método em 2009 era analisar notícias online e impressas do mesmo dia. Porém, para poder comparar os dois veículos, pois possuem leituras diferentes, em 2010 os dias foram alternados: um dia a coleta era do jornal online, no outro as notícias impressas eram analisadas. Dias ímpares 01, 03, 05 de junho foram coletadas notícias online, 02, 04, 06 de junho foram coletadas as impressas. Dias pares: 06, 08, 10 de junho foram coletadas notícias online, 07, 09, 11 de junho, notícias impressas. Durante a coleta foram feitas

⁹ MALAGUTI, V. **Raízes históricas do medo urbano**. 1ª. ed. São Paulo: Renavan, 2004.

¹⁰ BAUMAN, Zygmunt. **Medo Líquido**. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

¹¹ TAVARES, F. **Governados pelo medo**. [internet] 2008 Jan [Acesso em 15 nov. 2009]
O Estadão. Disponível em: http://www.estadao.com.br/suplementos/not_sup115789,0.htm



tabelas individuais para cada dia (Tabela 01) e depois, para melhor análise, tabelas gerais (Tabela 02) para cada meio (impresso e online).

Tabela 01: Modelo de tabela individual

Dia:	02 DE JUNHO- IMPRESSO
Violência:	Homicídio – crime passional, violência policial (grupos de extermínio, homicídios dentro do sistema prisional, falhas e vícios no aparato de investigação), prisão de quadrilha que transportava drogas (todas pág 05)
Matéria:	HOMICÍDIO: Na primeira página há a chamada: “Assassino era conhecido de Bueno, diz polícia”, há um texto de 10 linhas e indica pág 05 (página ímpar). Página 05: título principal: “Irmão recita versos no adeus ao escritor Wilson Bueno”. Duas reportagens sobre o assunto, uma com 2 colunas e 7 parágrafos, foto de 3 colunas (principal). Outra com 3 colunas e 5 parágrafos. Crime passional, homicídio. Também houve furto. Foto de 3 colunas ilustra o funeral. Matéria e foto da Gazeta. VIOLÊNCIA POLICIAL: “Para ONU, número de execuções é inaceitável”. Uma coluna, três parágrafos, nenhuma foto. Matéria de agência PRISÃO DE QUADRILHA: “Quadrilha transportava drogas em caminhão frigorífico” 2 parágrafos.
Locais:	Curitiba, Oeste do Paraná
Armas usadas:	(1) Arma branca
Título:	3 com duas linhas, 1 com uma linha e outro com 4 linhas.
Observações:	De 5 matérias, 2 são de agências

Tabela 02: Tabela geral de matérias coletadas na internet sobre violência urbana

Violência	Local	Arma	Diagramação
54 Homicídios/ mortes violentas (7 matérias) 9 Acidentes de trânsito (10 matérias) 4 Agressões físicas (1 matéria) 3 Narcotráfico (3 matérias) 2 Roubos e furtos (2 matérias) 1 Latrocínio (5 matérias) 1 Estupro (1 matérias) 1 Tentativa de homicídio (1 matérias) 1 Assalto (2 matérias)	Curitiba (Centro, Tingui, Cajuru, Capanema, Fazendinha, Xaxim, Pinheirinho, Guabirota) Região Metropolitana de Curitiba (São José dos Pinhais e Pinhais) Várias regiões do Paraná (Oeste, Sul, Norte) BR- 376, BR-2777, BR-476	25 Arma de fogo 11 Arma branca	35 matérias analisadas 27 com links 16 com fotos; 01 matéria, de agência; 10 com box; 03 com enquete; 04 com links para vídeos; Número de parágrafos variou: 4 a 17; Porém o que se repetiu: 4 a 7 parágrafos ; Título variou: 01 a 05 linhas Porém o que se repetiu: 02 linhas.

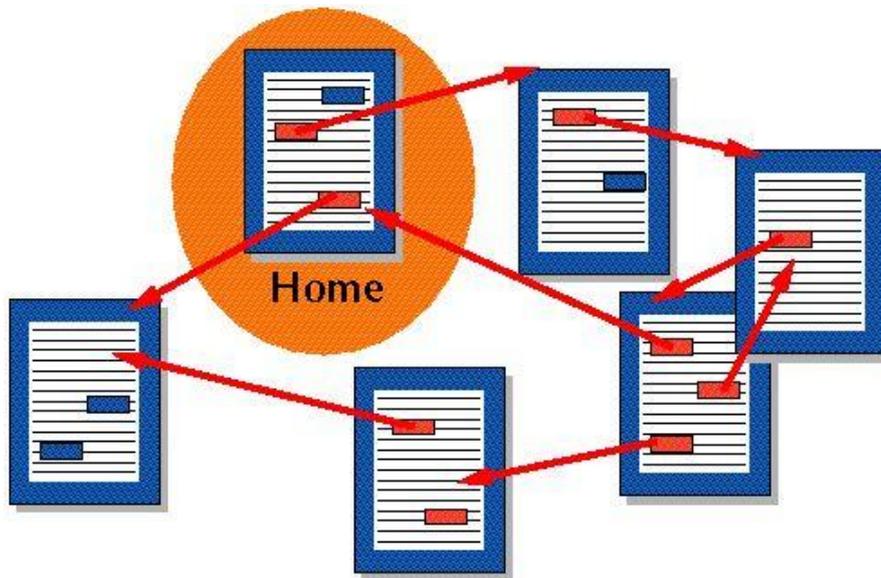
Durante o período analisado, os casos mais recorrentes no site online da Gazeta do Povo foram: homicídios (54 registros) e de acidentes de trânsito (9 registros). Porém os acidentes de trânsito foram mais divulgados (10 matérias). Duas matérias especiais foram feitas sobre o assunto. O acidente de ônibus ocorrido no centro de Curitiba no dia 10 de junho ocupou grande parte da mídia, devido aos critérios de noticiabilidade¹² como o inesperado, a curiosidade humana, a relevância do fato e a proximidade com os leitores do jornal.

Atualmente vive-se a era da hipermídia, como afirma a professora e doutora Pollyana Ferrari Teixeira¹³:

Na década de 90 havia a multimídia. Havia o cd- room no qual eram gravadas enciclopédias, por exemplo. Havia imagem, som, movimento --tudo junto gravado em um disco. Hipermídia é a quarta mídia, na qual surge a rede. Você tem troca de informação, de entretenimento em rede. Além da multimídia ela tem a internet. Hipertexto é um texto fragmentado, não linear, onde o leitor assume o papel de clicar e navegar por onde ele quiser, ter uma leitura particular e não linear do conteúdo.

De 35 matérias analisadas no jornal online da Gazeta do Povo, 27 tinham links para outras, facilitando a leitura e atualização do leitor. Interessante notar que os links fora do texto (ou hipertexto), na sessão *Saiba mais* são mais gerais, se referem a outras matérias, mais antigas ou não, de assuntos semelhantes. Já os links dentro do texto são mais restritos, ligam a página a matérias do mesmo caso ou de algum caso extremamente parecido.

Figura 02: O hipertexto deixa a leitura mais dinâmica e de maneira não linear



Fonte: <http://2malosad.files.wordpress.com/2009/10/basichypertext.jpg>

¹² RAMONET, Ignácio. **O poder midiático in: Por uma outra comunicação** - Dênis de Moraes (org.). Rio de Janeiro: Record, 2003

¹³ Professora e Doutora em Ciências da Comunicação pela ECA/USP e autora dos livros "Jornalismo Digital" e "Hipertexto, Hipermídia", ambos editados pela Editora Contexto. Entrevista no site: <http://vivoeduca.ning.com/profile/PollyanaFerrari>



Entre as matérias coletadas no online, três chamavam a participação do leitor para enquetes; quatro tinham links também para vídeos, fato que evidencia o fenômeno da hipermídia.

Quase a metade (16) das matérias apuradas (35) é ilustrada com fotos. Algumas vezes há uma galeria de imagens, na qual o leitor pode ver várias fotos da notícia (a do acidente do ônibus, por exemplo, possui 21 fotos). Apenas uma matéria do site durante o período pesquisado é de agência, um indício da característica mais local das notícias no site.

O número de parágrafos variou entre 4 a 17, porém o que se repetiu mais foi de quatro a sete parágrafos. A velocidade da informação e atualização acaba por exigir textos mais curtos.

25 crimes registrados durante o período pesquisado no jornal online envolveram arma de fogo e 11, arma branca. Tal fato é um indício de relação entre a ampla disponibilidade de armas de fogo para a população e número de homicídios. Estatísticas de violência do site *Crimes em Curitiba*¹⁴, que abrangem Curitiba e Região Metropolitana, revelam que em junho 121 mortes foram causadas por arma de fogo, comparadas a 9 homicídios por arma branca. Segundo matéria impressa da Gazeta do Povo do dia 10 de maio de 2010, o Paraná é o terceiro estado brasileiro que mais registra armas no país, atrás apenas de Santa Catarina e Distrito Federal. Para um policial entrevistado pela reportagem, a ilegalidade do mercado paralelo em Curitiba é alarmante.

Tabela 03: Tabela geral de matérias coletadas no jornal impresso sobre violência

Violência	Local	Arma	Diagramação
46 Homicídios (3 matérias)	Curitiba, rodovias, Campo Largo, RMC (São José dos Pinhais)	14 Arma de fogo	20 matérias analisadas; 17 com fotos; 3 com box; 2 com chamada de capa; 2 manchetes As fotos variavam: 2 a 6 colunas; Porém o que se repetiu mais foi de 3 colunas; Título de manchetes com uma linha;
11 Acidentes de trânsito (9 matérias)		4 Arma branca	
3 Roubos e furtos (1 matéria)			
2 Mortes por queda (1 matéria)			
1 Narcotráfico (1 matéria)			
1 Morte por queimadura (1 matéria)			
1 Pedofilia (1 matéria)			
1 Assalto (1 matéria)			

O jornal impresso refletiu o online, registrando maior número de homicídios e maior divulgação de acidentes de trânsito (9 matérias). De 20 matérias analisadas, 17 eram ilustradas com fotos, quantidade proporcionalmente maior que a encontrada nas notícias onlines coletadas. Tal fato revela a preocupação do jornal impresso em captar atenção do leitor, uma vez que o jornal online está em expansão, cativando com sua

¹⁴Banco de dados. **Crimes em Curitiba** [internet]. 2010 [acesso em 11 de junho 2010] Disponível em: <http://www.crimescuritiba.com>

velocidade e interatividade um número maior de leitores, cada vez mais fascinados com as novas tecnologias.

Audrey Possebom¹⁵ percebe no dia-a-dia do jornalismo impresso algumas perdas e afirma que o *velho* jornalismo está em processo de mudança e aperfeiçoamento:

De negativo, temos a perda do leitor. Cada vez menos gente lê jornal. Não temos a agilidade de uma televisão digital e nunca teremos. O leitor está cada vez mais rápido e o que migra para o online quer o dinamismo, a interatividade, o chat, o fórum para analisar e criticar as notícias. Mas a internet não acabará com o impresso. Além de uma arejada na diagramação, com fotos, a mudança já está acontecendo, temos que contar as mesmas notícias, só que com mais apuração.

Três matérias tinham box para arejar o texto, número proporcionalmente maior que o registrado no do jornal online durante o período analisado. De 20 matérias sobre violência, duas tinham chamada na capa e duas eram manchetes (*Mais perigo na estrada* e *Meu Deus, não consigo controlar o ônibus*). Ambas as manchetes eram sobre acidentes de trânsito.

Analisar o jornal online em um dia e o impresso no dia seguinte foi um método mais efetivo para comparar as notícias e os dois meios de comunicação.

Na maioria dos dias analisados, as notícias online (total de 35 matérias) eram publicadas um dia antes das notícias impressas (total de 20 matérias). As versões online, em sua maioria, eram diferentes das impressas. Porém, houve notícias que foram publicadas no mesmo dia e com o mesmo texto, tanto no online, quanto no impresso.

A matéria *Caso Rachel já teve 50 exames de DNA* é um exemplo, saiu ao mesmo tempo no online e no impresso, com o mesmo texto e de mesma autoria. Foi notado que quem faz a matéria online geralmente não é a mesma pessoa que faz sua versão para o impresso.

Audrey Possebom explica que há diferentes editorias para cada meio:

A Gazeta online e a impressa atualmente ficam em uma redação, porém possuem editorias separadas. Há um projeto de integração, a tendência é um veículo só e uma equipe só, mas por enquanto ainda há duas equipes distintas. Essas equipes se ajudam, trocam informações, mas ainda não são totalmente integradas. Para o leitor, a integração chegou antes que para nós, pois ele já tem a impressão de que a Gazeta online e a impressa são uma coisa só.

Um exemplo de integração entre as editorias é a matéria *Cheque de R\$ 130 e uma tragédia*, do dia 04 de junho, cuja matéria na internet é assinada: *Jennifer Koppe*¹⁶, com informações de *Diego Ribeiro*¹⁷, que é o repórter da editoria impressa.

Foi possível observar que o jornal online naturalmente tem maior espaço de publicação para as notícias que o jornal impresso. Um exemplo é a matéria *Irmão recita versos no adeus ao escritor Wilson Bueno*, da edição impressa da Gazeta no dia 02 de junho. Na matéria feita no dia anterior e publicada na internet, há mais relatos de personagens, com um texto mais longo.

A diferença entre o impresso e o online, conta Audrey, é que o jornal online da Gazeta publica casos de violência isolados e factuais. Para o fato virar notícia, ela afirma que o impresso precisa de algo a mais do que só um caso. “O jornal impresso

¹⁵ Editora- executiva da Gazeta do Povo impressa concedeu entrevista exclusiva a esse artigo

¹⁶ Repórter da Gazeta do Povo online

¹⁷ Repórter da Gazeta do Povo impressa



tem como objetivo não noticiar a notícia por si só, sempre buscar explicações para os casos de violência e contar de maneira diferente o que já foi contado por outros meios de comunicação mais instantâneos”, diz a jornalista.

Quadrilha faz refém família de gerente, da edição impressa no dia 11 de junho é uma matéria encontrada durante o período de pesquisa que reforça esse aspecto do jornal impresso. A versão da internet, do dia anterior, é dividida em duas matérias. O impresso, mais completo, juntou as duas.

Um fato que parece ser uma exceção à regra: *Quadrilha transportava drogas em caminhão frigorífico*, do dia 02 de junho. A versão da internet saiu anteriormente à impressa e com mais informações.

Sobre as qualidades do jornal impresso, Audrey Possebom declara:

Os pontos positivos do jornal impresso são poder aprofundar, analisar e investigar a notícia, não apenas jogar só o fato em si para o leitor, como é o caso dos veículos mais instantâneos. Ainda há também um caráter documental, publicou é documento. Aquelas séries de reportagens especiais sobre o crack, por exemplo, que as pessoas guardam para ler de novo ou mais tarde.

O que se percebeu durante a pesquisa foi o começo de uma mudança no jornal impresso. Observou-se que no momento a dita maior apuração das notícias no jornal impresso ainda não é uma regra: matérias saem mais completas em versão impressa, com maior investigação, geralmente quando são coberturas especiais, caso o contrário mais informações saem na internet, por haver mais espaço. Há uma hierarquização no impresso do que deve ser publicado, “não apenas jogar só o fato em si para o leitor”, afirma a editora executiva da Gazeta do Povo impressa.

“A internet conta o que aconteceu. No dia seguinte o jornal vai explicar porque, como”, disse Rafael Tavares¹⁸, em entrevista à autora desse artigo. Pelos resultados obtidos nesta pesquisa, tal afirmação é válida no setor de notícias de violência para grandes coberturas, como a matéria sobre o acidente que envolveu o ônibus no centro de Curitiba (*Meu Deus! Não consigo controlar o ônibus!*), de 11 de junho de 2010. As matérias sobre esse assunto estavam mais completas no jornal impresso, com mais detalhes e maior apuração.

Na versão impressa da manchete de *Meu Deus! Não consigo controlar o ônibus!* havia oito fotos para ilustrá-la, já na online havia 21. Com já constatado, as matérias online são mais dinâmicas, com mais links, imagens e também vídeo sobre o fato. Em *Meu Deus! Não consigo controlar o ônibus!* só uma matéria do online não apareceu no impresso (*Peritos fazem análise dos danos causados no prédio atingido pelo ônibus*). Porém, se atualmente entrarmos no site da Gazeta do Povo, veremos que a janela das 21 fotos¹⁹ às vezes nem abre.

¹⁸ Diretor do Jornal O Estado do Paraná e da Tribuna do Paraná

¹⁹ **Acidente com ligeirinho na Praça Tiradentes deixa dois mortos e 32 feridos** [internet] 2010 [acesso em 11 de junho 2010] Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/vidaecidadania/conteudo.phtml?tl=1&id=1012491&tit=Acidente-com-ligeirinho-na-Praca-Tiradentes-deixa-dois-mortos-e-32-feridos>



Isso é um reflexo do que o Rafael Tavares²⁰ defende:

A internet não é muito segura, ela muda ao longo do dia, vai mudando. A internet vai se atualizando, você pode por ou tirar o que você quiser na hora que quiser. No jornal não, publicou é documento. Tanto é que edital de empresa não poder ser publicado na internet, só em jornal. O impresso tem uma coisa que a internet vai demorar muito e não sei se vai conseguir ter, chama-se credibilidade.

Porém, o *Relatório de Pesquisa Quantitativa – Hábitos de Formação e Informação da População Brasileira*²¹, mostra um paradoxo. Em relação ao meio de comunicação mais importante para buscar informações, o público brasileiro considera a TV aberta como prioridade (69,4%). Mas a jovem Internet já vem em segundo lugar, com 15,5%, batendo o rádio (6,4%), o jornal impresso (5,6%) e a TV por assinatura (2%).

“A hipermídia é a convergência das mídias. As mídias não morrem, as mídias se somam. O jornal não some, mas ele vai ser para um público cada vez menor”, afirma Pollyana Ferrari Teixeira²², especialista em mídia digitais.

Análise sobre violência

Durante o período analisado, houve uma média de quatro a cinco mortes por dia em Curitiba e Região Metropolitana. Homicídios são os casos que mais foram registrados durante o período pesquisado, de 01 a 11 de junho (54 casos no online e 46 no impresso). Na análise da primeira parte desta pesquisa, realizada em outubro e novembro de 2009, os homicídios já eram os crimes mais registrados, ou seja, a violência mais ligada ao medo urbano²³ é a do crime contra a vida. Sobre a violência registrada pelos meios de comunicação, a editora-executiva do caderno *Vida e Cidadania*, Audrey Possebom²⁴ afirma que não há um exagero da mídia:

O que falta muito são estatísticas sobre a violência. Queríamos (redação da Gazeta do Povo) dados, para ver se o aumento da violência era só uma sensação da população ou se era efetivo. Então desde o ano passado a Aline²⁵ começou a ir ao IML todo dia, para criar um banco de dados sobre mortes violentas. Descobrimos então, cruzando nossos dados com os da Secretaria de Segurança do Estado do Paraná e com o da Secretaria de Segurança de São Paulo e do Rio, que Curitiba tem uma é proporcionalmente três vezes mais violenta que São Paulo. Curitiba atualmente tem 34 homicídios a cada 100 mil habitantes, mais que São Paulo (11) e quase igual ao Rio de Janeiro (34,8). Com os nossos dados já é possível fazer comparações de períodos. Do ano passado para 2010, percebemos que a violência cresceu 20%. Do começo do ano para cá (julho) cresceu mais 20%. Logo tivemos a constatação também estatística de que realmente a violência cresceu e continua crescendo.

²⁰ Rafael Tavares concedeu entrevista a esse artigo

²¹ Pesquisa encomendada pela Secretaria de Comunicação do Governo Federal (Secom), cujos dados foram divulgados dia 01 de julho de 2010

²² Professora e Doutora em Ciências da Comunicação pela ECA/USP e autora dos livros "Jornalismo Digital" e "Hipertexto, Hipermídia", ambos editados pela Editora Contexto. Entrevista no site: <http://vivoeduca.ning.com/profile/PollyanaFerrari>

²³ BAUMAN, Zygmunt. *Medo Líquido*. 2ª. ed. Jorge Zahar, 2005.

²⁴ Entrevista cedida para este artigo

²⁵ Aline Peres, repórter do jornal impresso da Gazeta do Povo

Outro dado observado durante o período de 2009 e confirmado com a pesquisa de 2010: a maioria dos homicídios ocorre na região metropolitana de Curitiba, o que reforça a ideia defendida pela reportagem de 11 de abril de 2009 da Gazeta do Povo²⁶, a qual teoriza que há uma relação imediata entre urbanização baixa e criminalidade alta. É importante ressaltar que alguns dos municípios da Metropolitana de Curitiba estão entre aqueles com mais baixos valores de IDH-M²⁷ do Paraná. “A maioria das mortes violentas ocorre na região metropolitana, sintoma do tráfico e da miséria lá instalados”, afirma Audrey.

Outras reportagens que não entraram no período analisado, mas que mostram a leitura do jornal sobre a realidade urbana de Curitiba, provando que a violência está presente em diversas áreas:

Sob o domínio do crime, matéria do jornal online de 06 de fevereiro de 2010:

A chacina do Barreirinha, que deixou seis mortos na sexta-feira passada, abriu os olhos dos curitibanos para uma nova realidade existente na cidade: a ocorrência de áreas em que o tráfico manda e o poder público tem dificuldade de entrar. As autoridades negam que estejam perdendo terreno para o crime. Mas agentes públicos, líderes comunitários e voluntários de ONGs confirmam: em pelo menos oito regiões de Curitiba há pontos em que o Estado vem sendo mantido a distância pelos traficantes.

Figura 03: Reportagem online *Sob o domínio do crime*



Fonte: Gazeta do Povo online

A máfia da segurança pública, manchete de 18 de abril de 2010:

Comerciantes de Curitiba e região metropolitana são vítimas de extorsões de criminosos, policiais e empresas clandestinas de vigilância. Os primeiros impõem terror para cobrar pela segurança. (...) Ainda sem nome próprio em Curitiba, esse tipo de extorsão é relatada por empresários (...) 11 policiais foram mortos desde 2008 no Paraná em locais que o comando da corporação presume ser de “atividade privada” (...)

²⁶ FERNANDES, J.C, PERES, A. **Ruas da amargura**. Gazeta do Povo [jornal impresso] 11 de Abril [acesso 11 de abril]

²⁷ Índice que mede o desenvolvimento humano de uma unidade geográfica

Figura 04: *A máfia da segurança pública*



Fonte: Gazeta do Povo impressa

Esta rua é minha!, matéria online de 11 de maio de 2010:

O medo da violência tem levado alguns moradores de Curitiba a se associarem aos vizinhos e fecharem o acesso de ruas, transformando vias públicas em condomínios. A prática é antiga e proibida na cidade, considerada usurpação de espaço público pelo Código de Posturas, mas poderá ser permitida por lei em breve, com a aprovação do projeto do vereador Mário Celso Cunha na Câmara Municipal.

Figura 05: *Esta rua é minha!*



Fonte: Gazeta do Povo online

Geração de mutilados, manchete de 16 de maio de 2010:

10 mil mortos é o balanço de vítimas nos acidentes com motos no Brasil, a cada ano. 70% têm seqüelas. Estima-se que este seja o porcentual de motoqueiros que ficam com lesões depois de um acidente. Se, por um lado, não há informação precisa sobre o número de motoboys que circulam em Curitiba, por outro os profissionais têm segurança para identificá-los como personagens de uma tragédia urbana (...)

Figura 06: *Geração de mutilados*



Fonte: Gazeta do Povo impressa

Um em cada 4 brasileiros teme violência em casa, manchete de 26 de maio de 2010:

A violência familiar é o segundo temor dos brasileiros. Agressões caseiras perdem apenas para o óbvio medo dos criminosos. (...) O levantamento ainda mostra que metade da população alterou a rotina devido à violência. A lista de mudanças inclui: evitar sair à noite, troca de trajeto e de linha de ônibus. “A hipótese de que o ambiente familiar, pelas ligações afetivas, protegeria seus membros mais vulneráveis tem se mostrado bastante falha”, trecho do relatório do Pnud.

Tensão coletiva, grande chamada de capa de 30 de maio de 2010:

O transporte público registra uma média de 8,6 assaltos por dia. Vandalismo e intimidação também fazem parte da rotina incômoda a que muitos passageiros têm de se submeter.

Figura 07: *Tensão coletiva*



Fonte: Gazeta do Povo impressa

Violência invade os muros das escolas, grande chamada de capa de 13 de junho de 2010:

(...) Mesmo onde a criminalidade do entorno não atravessa os portões, influencia na vida escolar, chegando à suspensão das aulas motivada por toque de recolher de bandidos (...) Curitiba é a capital com mais estudantes envolvidos em brigas com lesões físicas (...)

1 dia = 10 assassinatos, manchete do dia 17 de julho de 2010:

(...) O batalhão de mortos vem acompanhado de um lado ainda mais preocupante. Em relação ao primeiro trimestre de 2009, houve crescimento de 20% nos homicídios dolosos (com intenção). Na capital (Curitiba) e no litoral, ainda maior: 35% e 62%, respectivamente (...)

Figura 08: *1 dia = 10 assassinatos*



Fonte: Gazeta do Povo impressa

Conclusões finais

Tanto o jornal impresso, quanto o online cumprem sua função de informar o leitor. Porém, cada um possui um foco e uma limitação específica-- no caso do impresso o pouco espaço e a dificuldade de acompanhar a velocidade dos fatos e das novas tecnologias. Na era da hipermídia, o jornal online é de longe mais dinâmico do que o impresso. Apesar de bem mais jovem, este meio de comunicação já chega a ganhar do impresso nas estatísticas de canal de comunicação escolhido pelos leitores para se informar²⁸.

A imagem de Curitiba mostrada no dia a dia do jornal diário a um primeiro olhar parece ser mais real no jornal online da Gazeta do Povo do que no impresso, pois o primeiro divulga mais casos da cidade. No entanto a linha editorial do impresso visa aprofundar as notícias, não publicar casos isolados, como conta a diretora-executiva do jornal, Audrey Possebom: “Tentamos aprofundar os assuntos. Só a violência em si renderia muita matéria, pois todo dia tem crime bárbaro em Curitiba. Para esses jornais mais populares, a Tribuna, por exemplo, é muito fácil encontrar o que publicar”.

Notícias de mortes violentas, facilidade da população de obter armas de fogo, ruas públicas fechadas pela população por medo da criminalidade, toque de recolher de traficantes, são leituras dos meios de comunicação da realidade urbana presente em Curitiba, cidade considerada modelo de urbanismo. A maioria dos homicídios registrados no período de análise tanto em 2009 quanto em 2010 ocorreu na região metropolitana de Curitiba, reforçando a ideia que há uma relação imediata entre urbanização baixa e criminalidade alta. Estes homicídios em sua maioria envolveram o uso de arma de fogo, o que indica que o Estatuto do Desarmamento, em vigor desde 2003, não ajudou a reduzir o número de mortes.

REFERÊNCIAS

Acidente com ligeirinho na Praça Tiradentes deixa dois mortos e 32 feridos.

[internet] 2010 [acesso em 11 de junho 2010] Disponível em:

<http://www.gazetadopovo.com.br/vidaecidadania/conteudo.phtml?tl=1&id=1012491&tit=Acidente-com-ligeirinho-na-Praca-Tiradentes-deixa-dois-mortos-e-32-feridos>

²⁸ Pesquisa encomendada pela Secretaria de Comunicação do Governo Federal (Secom), cujos dados foram divulgados dia 01 de julho de 2010



Agência de notícia. **Curitiba é eleita cidade mais sustentável do mundo**. Paraná Online [internet]. 2010 Abril [acesso em 10 de abril 2010] Disponível em: <http://www.paranaonline.com.br/editoria/cidades/news/439180/?noticia=CURITIBA+E+ELEITA+A+CIDADE+MAIS+SUSTENTAVEL+DO+MUNDO>

Arquivo. **A capital de um país viável**. Revista Veja [arquivo internet]. 1993 Março [acesso em 11 de abril de 2010] Disponível em: http://veja.abril.com.br/arquivo_veja/capa_31031993.shtml

Banco de dados. **Crimes em Curitiba**. [internet]. 2010 [acesso em 11 de junho 2010] Disponível em: <http://www.crimescuritiba.com>

Banco de dados. **Inventário cultural: Mesorregião Metropolitana de Curitiba**. SESC [internet]. 2010 [acesso em 10 de abril 2010] Disponível em: <http://www.sescpr.com.br/inventario/regioes.php>

BAUMAN, Zygmunt. **Medo Líquido**. 2ª. ed. Jorge Zahar, 2005.

CALIL, S. E. Léa. **Violência Urbana e Outras Violências**. Mundos Filosóficos [internet]. 2009 Jul [acesso em 30 nov. 2009]. Disponível em: <http://www.mundodosfilosofos.com.br/lea3.htm>

FERNANDES, J.C, PERES, A. **Ruas da amargura**. Gazeta do Povo [jornal impresso] 11 de Abril [acesso 11 de abril]

Gazeta do Povo online e impressa - outubro e novembro de 2009/ junho e julho de 2010

MALAGUTI, V. **Raízes históricas do medo urbano**. 1ª. Ed Renavan, 2004.

MICHAUD, Y. **A violência**. 2ª. ed, Jorge Zahar, 1989.

Revista de Neurologia. [internet] 2010 [acesso em 23 jan. 2010] Disponível em: <http://www.galenicom.com/pt/journal/0210-0010/Revista+De+Neurologia>

TAVARES, F. **Governados pelo medo**. O Estadão [internet]. 2008 Jan [acesso em 15 nov. 2009]. Disponível em: http://www.estadao.com.br/suplementos/not_sup115789,0.htm

RAMONET, Ignácio. **O poder midiático in: Por uma outra comunicação**. Dênis de Moraes (org.). Ed. Record, 2003. Rio de Janeiro, RJ.